

UMA DESCRIÇÃO DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA, PIAUÍ: UM ESTUDO DE CASO

Gabriel Frechiani de Oliveira

Doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS e Professor de História da Secretaria de Educação do Piauí – SEDUC/PI

gfrechiani@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem por finalidade fazer uma descrição do Parque Nacional Serra da Capivara, levando em consideração os aspectos geológico, geomorfológico, hidrográfico, climático, relevo, fauna, vegetação, flora, paleofauna e paleoclima. Destarte, o Parque Nacional Serra da Capivara é um patrimônio cultural da humanidade e deve ser preservado e protegido como uma herança para as próximas gerações.

Palavras-chaves: Parque Nacional Serra da Capivara

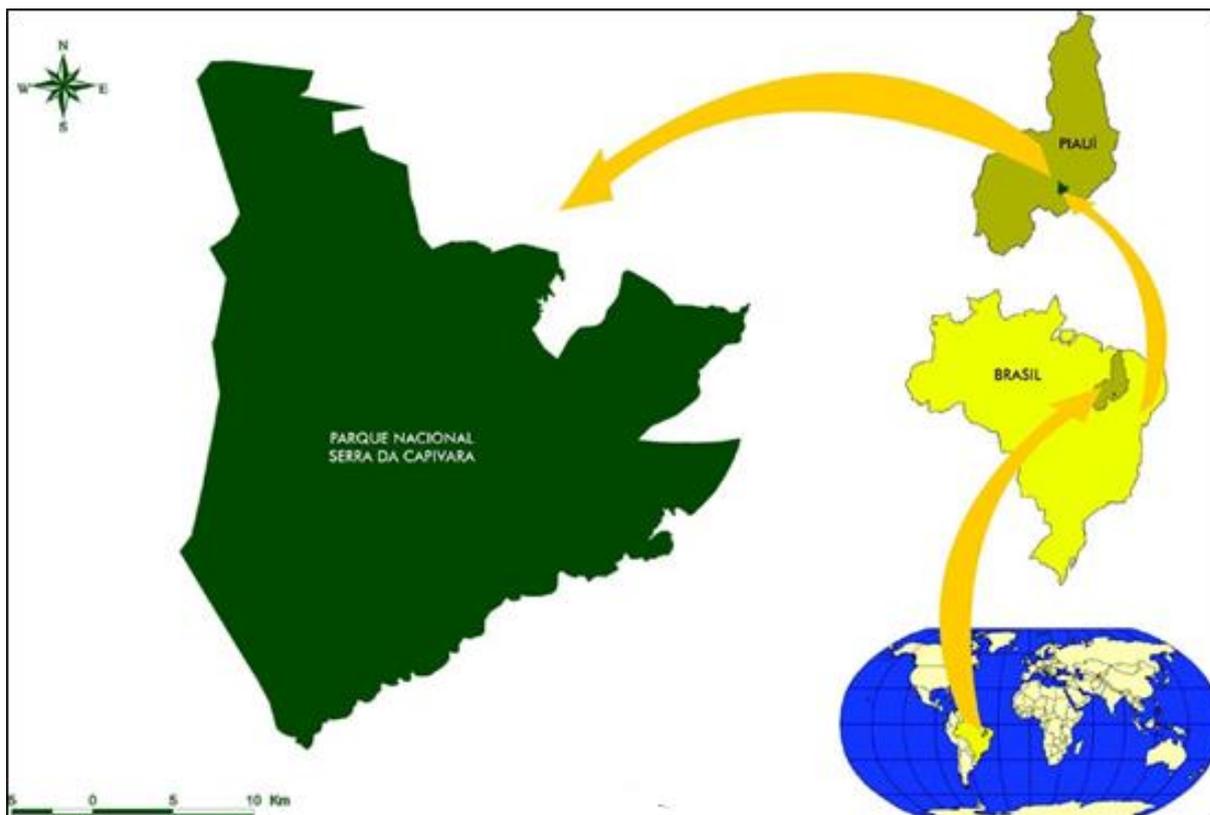
ABSTRACT: The present work aims to make a description of the Serra da Capivara National Park, taking into account the geological, geomorphological, hydrographic, climatic, relief, fauna, vegetation, flora, paleofauna and paleoclimate aspects. Thus, the Serra da Capivara National Park is a cultural heritage of humanity and must be preserved and protected as a heritage for future generations.

Keywords: Serra da Capivara National Park, Archeology, Environment

I- INTRODUÇÃO

O Parque Nacional Serra da Capivara está localizado entre os municípios de São Raimundo Nonato, Brejo do Piauí, João Costa e Coronel José Dias, compreendendo uma área de 130.000 hectares e 214 quilômetros quadrado de perímetro (ARAÚJO *ET AL*, 1998; GUIDON, 2007).

O PNSC foi criado partir do decreto federal nº 83548 de 5 de junho de 1979, criando uma área de aproximadamente 100.000 hectares de proteção ambiental permanente, sendo posteriormente ampliada pelo decreto presidencial de nº 99.143, de 12 de março de 1990, onde foram criadas três áreas proteção permanente: 1ª Serra Vermelha/Angical, possuindo um perímetro de 60 quilômetros; 2ª Serra do Cumbre/Chapada da Pedra Hume, com um perímetro de 90 quilômetros; 3ª Serra da Capivara/Baixão das Andorinhas, com um perímetro de 50 quilômetros (GUIDON, 1991) (ver mapa 1).



Mapa 1. A localização do Parque Nacional Serra da Capivara. Fonte: FUMDHAM. Disponível em: <<www.fumdham.org.br>>. Acesso: out, 2013.

II- DESENVOLVIMENTO

Os principais motivos para a criação do PNSC estão fundamentados nos seguintes segmentos:

1º) segmento turístico, a unidade de conservação poderia ajudar no desenvolvimento econômico sustentável da região, a partir de uma política de turismo sustentável e com incentivos nas esferas municipal, estadual e federal, assim, o turismo cultural e ambiental são formas de geração de emprego e renda, atenuando as gritantes desigualdades sociais na região (GUIDON, 1991);

2º) segmento ambiental, a unidade de conservação está localizada entre os domínios climáticos da Caatinga e do Cerrado dentro do Polígono das Secas, sendo caracterizada por um clima semiárido da região do Nordeste brasileiro, possuindo uma grande diversidade da fauna e flora no local (ARAÚJO *ET AL*, 1998);

3º) segmento arqueológico e paleontológico, a área arqueológica do PNSC, que possui a maior concentração de sítios arqueológicos do mundo, com os vestígios arqueológicos mais antigos do continente americano, demonstrando uma presença da ocupação humana há mais 130 mil anos atrás (MARTIN, 2008; GUIDON, 2014, vol.II-A). Os vestígios paleontológicos encontrados na região apontam para a existência de espécimes de animais da megafauna em vários sítios arqueológicos e lagoas na região, com uma idade absoluta de mais de 9 mil anos atrás (GUERIN *ET AL*, 1996).

Dentro desse contexto, um levantamento feito pelo projeto geoparques, da CPRM em conjunto com a FUMDHAM em 2011, apontou outras importantes características para a preservação e conservação do PNSC como: 1º) um grande potencial como local de pesquisas acadêmicas; 2º) relevância geomorfológica e geológica acerca de estudos sobre a evolução da Plataforma Sul-americana e da Bacia sedimentar do Parnaíba; 3º)

local interessante para o estudo da espeleologia, em decorrência da presença ostensiva de cavernas no relevo cárstico da região; 4º) área de estudo do embasamento Cristalino e das formações da Bacia Sedimentar do Parnaíba; 5º) grande concentração de vestígios paleontológicos, devido à descoberta de 30 espécimes extintas da paleofauna; 6º) um grande potencial de desenvolvimento sustentável a partir das atividades do turismo na região, gerando emprego e renda sem pressionar os recursos naturais em excesso; 7º) grande diversidade de espécimes da fauna e flora na região da Caatinga no local; 8º) em decorrência de ser uma zona de contato ecológica, cultural e geológica na região Nordeste; 9º) devido à importância das formações geomorfológicas do relevo, como dropstones, diamictitos, canyons e *cuestas* (BARROS ET AL, 2011).

O PNSC está localizado geologicamente em um local fronteiro de três províncias estruturais: Província do Borborema, Província do Parnaíba e Província do São Francisco (MUTZENBERG, CORREA, 2014, vol.II-A). A primeira unidade do relevo local é o setor Leste, caracterizado pela presença de “(...) uma grande superfície aplainada por rochas da Província Estrutural do Borborema/ Faixa Riacho do Pontal; rochas metamórficas e ígneas pré-cambrianas, de idade variável, formam o substrato de unidade: gnaisses arqueanos do complexo Sobradinho/ Remanso, no Sul de São Raimundo Nonato, micaxistos e calcários microcristalinos e batólitos e granitos intrusivos (...)” (PELLERIN, 2014, p.59). É conceituado como uma planície originada por um processo erosivo em rochas metamórficas entre “(...) a *cuesta* de arenito siluro-denoviana, a oeste, e os afloramentos de quartzito pré-cambriano da Serra dos Dois Irmãos a leste (...)” (PELLERIN, 1991, p.40).

A segunda unidade do relevo local é o segmento do *front da cuesta* (Serra Nova, Serra da Capivara e Serra Talhada) que é uma projeção da Bacia Maranhão-Piauí sobreposta a um maciço antigo, com uma amplitude de 200 a 250 metros e um desnível de 3 a 10 quilômetros, onde se concentram os sítios arqueológicos com pinturas rupestres localizadas em abrigos rochosos (PELLERIN, 2014).

A terceira unidade do relevo local é o segmento do Oeste, que compreende as “(...) chapadas do reverso da *cuesta*, que formam platôs tabuliformes de grande amplitude, entalhados somente por alguns vales de orientação Sul-Norte, encaixados em arenitos e siltito das formações devonianas Itaim e Pimenteira (Riachos da Serra Branca, do Boqueirão e do Bom Jesus)” (PELLERIN, 2014, p.60).

A Bacia Sedimentar do Parnaíba engloba a maior parte dos estados do Piauí e do Maranhão e alguns segmentos dos estados de Goiás, Ceará e Tocantins, tendo uma área de superfície maior de 600 km² e tendo origem no Paleozoico (BARROS ET AL, 2011). Os cinco grupos litográficos que compõem a Bacia do Parnaíba são classificados em: 1º- Grupo Serra Grande (Siluriano); 2º- Grupo Canindé (Devoniano); 3º- Grupo Balsas (Carbonífero-Triássica); 4º- Grupo Mearim (Jurássico); 5º- As formações Itapecuru, Grajaú e Codó (PETRI; FULFARO, 1988).

O contexto geomorfológico do PNSC apresenta três principais segmentos presentes no local, estão divididos em: pedimentos, *cuesta* e planaltos areníticos (SANTOS, 2007):

1) O **pedimento** (depressão subsequente) é um segmento situado no sopé da *cuesta*, oriundo de um processo erosivo na *cuesta*, configura-se como “(...) superfícies tabulares ou chapadas com relevo plano a suavemente ondulado com altitudes que oscilam entre 150 a 300 metros; superfícies tabulares ou chapadas na forma de mesetas recortadas com altitudes entre 400 e 500 metros, (...)” e tendo superfícies onduladas apresentando uma altimetria nos vales e elevações entre 150 a 500 metros (BARROS ET AL, 2011, p. 13).

2) As *cuestras* são formadas por rochas conglomeráticas e areníticas oriundas do Grupo Serra Grande, onde podem ser caracterizadas como “(...) projeções da Bacia do Parnaíba sobre a Província do Boborema. Constituem uma área com alinhamentos de cuesta entre si de 3 km a 7 km. O desnível entre a *cuesta* e o pedimento oscila entre 200 m a 250 m” (SANTOS, 2007, p.29).

3) Os **planaltos areníticos** (reverso da *cuesta*) estão situados na parte oeste do PNSC, constituindo as “(...) chapadas do reverso da *cuesta*, de relevo regular e monótono cuja altitude chega a 630 m, (...) O Planalto é cortado por vales orientados N-S, com fundo um plano, profundamente encaixados e dominados diretamente por cornijas de arenitos subverticais, esculpidos em relevos ruiformes e arredondados (...)” (SANTOS, 2007, p. 30) (ver figura 1).



Figura 1. Segmentos geomorfológicos presentes no PNSC. Fonte. Gabriel Oliveira, 2008.

Os principais tipos de relevos identificados durante as pesquisas geológicas e geomorfológicas no PNSC são: planaltos; vales encaixados; *inselberg*; baixos platôs dissecados; rebordos erosivos e superfícies aplainadas (SANTOS, 2007);

Os **planaltos** são originários da erosão de rochas sedimentares da Bacia sedimentar do Parnaíba, tendo superfícies elevadas com uma altimetria entre 400 a 700 metros (BARROS ET AL, SILVA, 2011, p. 15).

Os **inselbergs** são elevações residuais presentes no relevo do PNSC, sendo classificados como morros residuais formados por uma litologia de rochas quartzítica ou granítica que se diferencia de outras formações próximas a ela (GUERRA; GUERRA, 2003; SANTOS, 2007).

Os **rebordos erosivos** são padrões do relevo, constituídos por “(...) vertentes predominantemente retilíneas a côncavas, declivosas e topos levemente arredondados, com sedimentação de colúvios e depósitos de tálus predominantemente” (BARROS ET AL, 2011, p. 16).

As **superfícies aplainadas** constituem: “(...) de erosão corta estruturas diversas, mostrando, no entanto, formas francamente onduladas. Numa superfície de erosão podemos encontrar formas levemente onduladas, mamelonadas e mesmo niveladas” (GUERRA; GUERRA, 2003, p.591)

Os **baixos platôs** são oriundos da erosão e desfragmentação das rochas sedimentares no PNSC, tendo uma altimetria mais elevada em comparação aos tipos de relevos próximos e “(...) apresentando um sistema de drenagem constituído por uma rede de canais com baixa drenagem, que gera um relevo pouco dissecado de amplos topos

tabulares e sulcado por vales encaixados com vertentes retilíneas e declivosas” (BARROS *ET AL*, SILVA, 2011, p. 15).

Os **Vales Encaixados** são formados a partir de um processo erosivo de “(...) morfologia acidentada, constituídos por vertentes predominantemente retilíneas a côncavas, fortemente sulcadas, declivosas, com sedimentação de colúvios e depósitos de tálus. A amplitude de relevo varia de 100 a 300 metros, com inclinação das vertentes de 10 a 25° com ocorrência de vertentes muito declivosas” (BARROS *ET AL*, SILVA, 2011, p. 15).

O clima na região sudeste do Piauí é caracterizado como uma zona de transição entre o cerrado e a caatinga, do subúmido para semiárido, tendo precipitações menores de 900 mm e uma probabilidade maior a 75% e inferior de 3 meses com precipitações superiores ao período chuvoso. Situando-se entre os climas de classes áridas e semiáridas e apresentando uma média de precipitações de 689 mm, com um desvio padrão médio de 200 mm (EMPERAIRE, 1991 B).

Os sistemas de classificação adotados para delimitar o clima na região do PNSC são enumerados nos seguintes parâmetros analíticos: 1º) classificação de Köppen, clima semiárido quente com seca invernal Bshw; 2º) classificação de Gaussen, clima termoxeroquimênico da fórmula ecologia T5S5X3; 3º) classificação de Thornthwaite, clima semiárido de fórmula Dd A; 4ª) classificação de Aubréville, clima de fórmula IIIaA (EMPERAIRE, 1991 B).

Em um levantamento realizado no período de 1984 a 1989, observa-se uma temperatura média anual de 28° C, sendo que durante o mês de junho é considerado o mais frio, com 12° C na cidade de São Raimundo Nonato. No sopé da Serra da Capivara foi observada uma temperatura mínima de 10° C. Durante os meses de outubro a novembro notam-se as seguintes temperaturas: máxima de 45° C, média de 31° C e mínimas de 22 a 17° C (EMPERAIRE, 1987).

A presente unidade de conservação faz parte da Bacia Hidrográfica do rio Parnaíba, que possui oito sub-bacias que compreendem os estados do Ceará, Piauí e Maranhão. A sub-bacia do rio Piauí-Canindé, que é composta pelos rios Piauí, Salinas, Itaim e Canindé e afluentes da margem direita do rio Parnaíba e que afetam diretamente a região Sudeste do Piauí, incluindo a área do PNSC (BARROS *ET AL*, 2011).

O rio Piauí tem sua origem na Serra das Confusões, no município de Caracol, sendo um afluente do rio Canindé e tendo uma extensão de 400 km. Seus principais afluentes na margem direita são: Canário, São Lourenço, Cavalheiro, Tanque Novo, Lajes, Mulungu, Pedra Branca, Itacoatiara, São Domingos, Socorro, Fidalgo, Defuntos; margem esquerda são: Olho d’Água, Mulungus, Santo Antônio, Bom Jesus, Caché, Brejinho, Nova Olinda, Fundo, São João, Trempes, Cachoeira, Gameleira, Carnaíbas, Cajazeiras, Mucaítá, Cajueiro, Macacos, Tucuns (BATISTA, 1974). O riacho do Olho d’água da Cota é a única drenagem perene no local (PELLERIN, 1991) (mapa 2)



Figura 3. Reservatório de água próximo ao sítio do Mocó. Fonte: Gabirel Oliveira (2018).

A fauna do PNSC é composta por uma grande diversidade de espécimes animais de vertebrados, que demonstram a importância da preservação e conservação dessa unidade de conservação integral para o ecossistema da Caatinga. O inventário das espécies realizado contabilizou o seguinte quadro de espécimes: 17 de jias e sapos; 19 de lagartos, 236 de aves; 56 de mamíferos, sendo que 24 são de morcegos (ARAÚJO *ET AL*, 1998; OLMOS; BARBOSA; ANDRADE, 2014). As duas espécies endêmicas da Caatinga presentes no PNSC são o mocó (*Kerodon rupestris*) e a lagartixa do serra (PESSIS, 2003) (ver figuras 3 e 4).

Dentro do segmento dos mamíferos são encontrados os seguintes espécimes na região: saurê, gambá, duas espécies de cuícas, tatu-canastra, tatu do rabo mole, Tatu-verdadeiro, tatu peba, tamanduá-bandeira, tamanduá-mirim, veado-mateiro, veado-cantigueiro, porco-do-mato, catitu, rato-rabudo, cotia, paca, galea, rato, jaguarundi, onça-vermelha, gato-maracajá, jaguatirica, onça-pintada, gato-do-mato, mão-pelada, urubu-caçador, caracará, andorinhão, beija-flor e, outros (OLMOS; BARBOSA; ANDRADE, 2014).



Figura 4. Lagartixa da serra no PSNC. Fonte: Gabriel Oliveira (2018).

Os principais tipos de répteis encontrados são: briba-bribo, lagartixa-mole, lagartixa doméstica, caninana, calango, camelão, cobra-cipó, cobra-verde, cobra bicuda, cobra-preta, falsa coral, jiboia, cascavel, jararaca da seca, jacaré e outros (OLMOS; BARBOSA; ANDRADE, 2014). Os principais tipos de anfíbios presentes no PNSC são: sapo-de-enxurrada, sapo-cururu, cuinha, perereca, jia, sapo-boi, sapo-de-chifre e outros (ARAÚJO *ET AL*, 1998). Os principais tipos peixes encontrados são: lambaris, cascudinhos e acarás (OLMOS; BARBOSA; ANDRADE, 2014).

A fauna de invertebrados do PNSC foi pouco estudada, os levantamentos atuais apontam para espécimes de invertebrados característicos do ambiente da Caatinga, possuindo espécimes endêmicos e desconhecidos na região (ARAÚJO *ET AL*, 1998). Os espécimes de invertebrados identificados até agora são: abelha do mel, rajada, irati, mombuca vermelha, marmelada preta, uruçú, jataí-da-terra, viúva marrom e outras espécimes ainda desconhecidas e não identificadas¹ (OLMOS; BARBOSA; ANDRADE, 2014).

¹ Olmos, Barbosa e Andrade (2014, vol. II-A, p.229) afirmam que “Recentemente, Simone e Casati, 2013, apresentaram resultados de estudos com moluscos desenvolvidos no PARNA Serra da Capivara, no qual a presença de um gênero novo de Gastropoda e de cinco novas espécies coletadas na Toca de Cima do Pilão, Coronel José Dias, PI, apresentando a seguir: *Clinispira insólita*, *Cyclodontina*, *Anctus prolatus*, *Rhinus gilbertus*, *Streptartemon molaris*”.

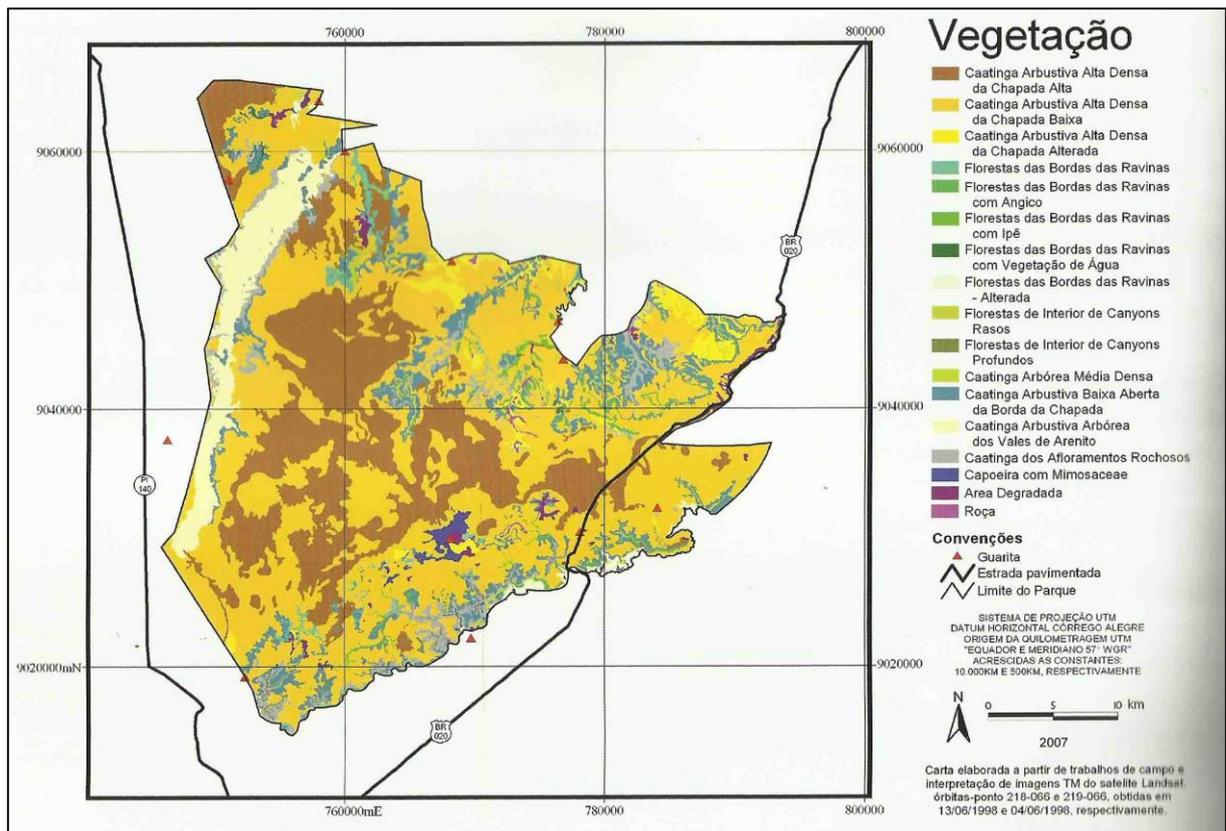


Figura 4. Mocó (*Kerodon rupestris*) em um sítio do PNSC. Fonte: Gabriel Oliveira (2018).

O principal problema enfrentado pela fauna no PSNC é a caça ilegal dos animais silvestres por caçadores da região, que entram de forma clandestina, visando a predação de espécimes como tatus canastra e onças quase extintas na região, esse fato é agravado devido à extensão da unidade de conservação e ausência de recursos federais suficientes para a realização de uma fiscalização mais ostensiva no local (GUIDON, 2007).

O PNSC está inserido dentro uma zona fronteiriça entre os domínios morfoclimáticos do Cerrado (25%) e da Caatinga (75%), uma espécie de zona de transição onde observa-se uma vegetação adaptada ao clima seco e acostumada com duas estações do ano bem definidas, inverno e verão (BARROS *ET AL*, 2011).

A vegetação da Caatinga é predominantemente presente no local, que tem por característica uma vegetação formada por árvores de pequeno porte, adaptadas à seca, com a presença de espinhos, de Cactáceas e Bromeliáceas, cipós e a presença de um tapete herbáceo (EMPERAIRE, 1987). Emperaire (1991 A) elaborou um estudo acerca da vegetação da caatinga no local, classificando em sete categorias elementares: 1^a- estrato herbáceo com até 1 metro de altura; 2^a- estrato sufrutescente com amplitude de 1 a 2 metros; 3^a- estrato arbustivo baixo, de 2 a 4 metros; 4^a- estrato arbustivo alto, de 4 a 6 metros; 5^a- estrato arbóreo baixo, de 6 a 8 metros; 6^a- estrato arbóreo médio, de 8 a 12 metros; 7^a- estrato arbóreo alto, maior que 12 metros (ver mapa 3).



Mapa 3. Tipos de vegetação no Parque Nacional Serra da Capivara. Fonte: Chame, 2014, vol.II-A, p.286.

A **caatinga arbórea alta densa** está predominantemente presente nos segmentos do reverso da *cuesta*, tendo por característica uma homogeneidade fisionômica, comportando quatro tipos de estratos principais: a) estrato herbáceo; b) estrato sufretescente; c) estrato arbustivo; d) estrato arbóreo baixo. Esse tipo de vegetação aparece a leste da Serra Branca, em faixas de 20 a 40 metros de larguras e mais de 100 metros de comprimento (EMPERAIRE, 1991 A).

A **Caatinga arbórea média densa** está presente nas ravinas do front da *cuesta* e próximas dos vales interiores das chapadas da Boa Esperança, Boqueirão Grande e Serra Branca, possuindo os seguintes estratos: a) estrato frutescente; b) estrato arbóreo baixo; c) estrato arbóreo médio.

A **Caatinga arbustiva baixa aberta**, que está localizada na borda da chapada, nos vales e locais com a presença de afloramentos rochosos, possui os seguintes estratos: a) estrato frutescente; b) estrato arbustivo baixo. A Caatinga arbustiva baixa aberta está localizada nas bordas das chapadas, ocupando uma área de 100 km², crescendo em bolsões de areia oriundos da desagregação da rocha arenítica.

A **caatinga arbustiva arbórea** está localizada nos vales silto-arenitos e areníticos, tendo similaridades com a Caatinga arbustiva baixa aberta, possuindo os seguintes estratos: a) estrato herbáceo; b) estrato arbustivo baixo; c) estrato arbustivo alto; d) estrato arbóreo médio; e) estrato frutescente (EMPERAIRE, 1991 A). Dentro desse contexto, a vegetação do PNSC tem em sua composição: 45 espécies compostas por 13 famílias de Monocotiledôneas; 9 espécies compostas por 6 famílias de Pteridophytas; Carpóforo e líquens compõem 561 tipos diferentes; 75 famílias de Dicotiledônias, totalizando 615 taxas² (BARROS ET AL, 2011).

² O relatório do Geoparque do PNSC que cita a existência de mais mil espécies de plantas (BARROS ET AL, 2011).



Figura 5. Cactus coroa de frade no PNSC. Fonte: Gabriel Oliveira (2018).

A vegetação e flora no local e nos arredores são típicas da caatinga brasileira, possuindo os seguintes espécimes no local: gameleira, pau d'arco branco, pau de casca, rabo de raposa, angico, angelim, cabaça, quipá, cabeça de velho, jenipapo, macambira, ingazeira, crista de galo e outras espécimes (ARAÚJO *ET AL*, 1998) (ver figura 5 e 6).



Figura 6. Xique xique no PNSC. Fonte: Gabriel Oliveira (2018).

Os estudos paleoambientais realizados na região do PNSC, especificamente no sítio Toca do Boqueirão da Pedra, com o uso da palinologia e paleoparasitologia apontam um quadro inicial de clima mais úmido que o atual e com a presença de savanas abertas e arborizadas. Essa situação favoreceu as condições para a sobrevivência da paleofauna, que se encontra presente em seus vestígios paleontológicos encontrados ostensivamente em vários sítios arqueológicos nos relevos cársticos e lagoas (CHAVES, 2002).

Estudos paleontológicos dos vestígios paleontológicos efetuados pelo pesquisador francês Claude Guérin demonstraram que o meio suportava a presença de animais da megafauna, indicando um ambiente diferente do atual da caatinga e com características semelhantes a clima mais úmido e com um maior número de espécimes de animais de grande porte (GUERIN, 1991; CHAVES, 2002; SANTOS, 2007).

As pesquisas paleontológicas no PNSC apontaram para identificação de mais 30 espécies de vertebrados da fauna pleistocênica no local, que estão divididas em dois segmentos: macrofauna³ e microfauna⁴. As evidências paleontológicas indicam que a região tinha condições de suportar animais de grande porte, demonstrando a configuração de um clima mais úmido e passou por um processo de mudança climática por 12 a 9 mil anos atrás, originando a extinção da macrofauna que conviviam com os grupos humanos naquele período (ARAÚJO ET AL, 1998).

As principais espécies identificadas foram: preguiça gigante (*Catonyx cuvieri*), veado (*Mazama sp.*), mastodonte (*Haplomastodon waringi*), tatu gigante (*Glyptodon clavipes*), cavalo americano (*Hippidion bonaerensis*), tigre-de-dentes-de-sabre (*Smilodon populator*), jacaré (*Caiman crocodilus*) e outros espécimes identificados nos sítios arqueológicos Toca da Janela da Barra do Antonião, Toca do Garrincho, Toca de Cima do Pilão e Toca do Serrote (GUÉRIN, 1991; GUERIN ET AL, 1996) (ver figura 7)

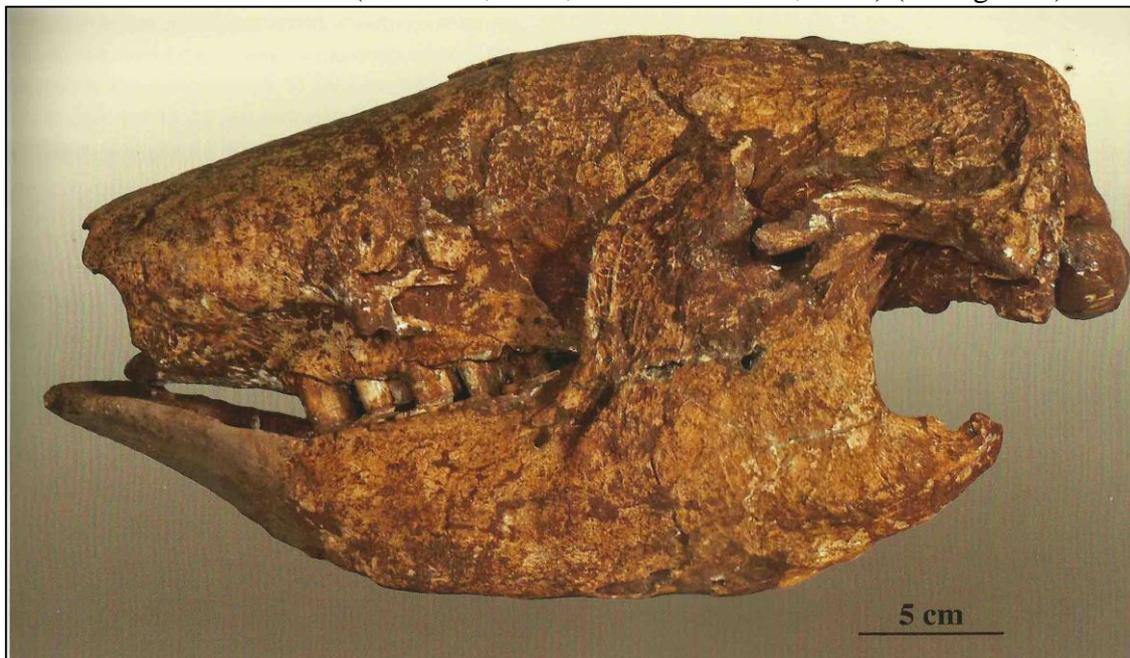


Figura 7. Crânio e mandíbula de um *Scelododon piauiense* encontrado no sítio arqueológico Toca do Barrigudo, PNSC. Fonte: Guérin, Faure, 2014, vol. A-II, p.149.

As primeiras descobertas paleontológicas no local remontam 1987-88, quando numerosos fósseis foram encontrados nas escavações da Toca Janela da Barra do

³ Macrofauna: animais com mais de 5 quilos.

⁴ Microfauna: animais com menos de 5 quilos.

Antonião e no Sumidouro do Sansão. Posteriormente, outros sítios como Toca de Cima dos Pilão, Toca do Gordo do Garrincho, Toca do Serrote do Artur, Toca do Barrigudo, Toca da Moendas, as lagoas do São Vitor, Pomba, Quari e dos Porcos, forneceram um grande acervo de estudo para a FUMDHAM e permitiram a identificação das principais espécies da paleofauna na região (GUERIN; FAURE, 2014, vol. II-B).

No sítio Toca da Janela da Barra do Antonião foram coletados mais de 2.200 fragmentos de ossos de mamíferos, tendo a presença de animais da microfauna, como marsupiais (*Didelphidae*), quirópteros e roedores (*Cricetidae*, *Sigmodontinae*, *Caviomorpha*) e 45 espécies da macrofauna, como cavalos (*Hippidion bonaerensis* e *Equus neogeus*) e Tatu (*Dasypodidae Pampatherium humboldti*) (GUERIN; FAURE, 2014, vol. II-B).



Figura 8. Vestígios paleontológicos na Lagoa do Quari, São Raimundo Nonato – PI.
Fonte: Felice; Guidon; Mendes, 2014, vol. A-II, p.80.

Na Toca de Cima dos Pilão foram encontrados mais de 800 fragmentos ósseos, tendo espécimes como tigre dente-de-sabre (*Smilodon populator*) e onça (*Panthera onca*). Na Toca do Gordo do Garrincho foram coletados mais 1.500 fragmentos ósseos, sendo de 22 espécies da macrofauna, como lhamas (*Palaeolama niedae*), equídeo (*Hippidion bonaerensis*) e preguiça gigante (*Catonyx cuvieri*). Na Toca do Barrigudo foram recolhidos mais de 400 fragmentos de ósseos, englobando várias espécies da macrofauna, como *Glyptodon*, *Equus*, *Macrauchenia*, *Tayassu*, *Mazama* e entre outras. As lagoas São Vitor, Pomba, Quari e Porcos forneceram uma quantidade significativa de vestígios paleontológicos, evidenciando a presença de várias espécies da paleofauna na região sudeste do Piauí (PARENTI ET AL, 2003; GUERIN; FAURE, 2014, vol. II-B) (ver figuras 8 e 9).



Figura 9. Vestígios paleontológicos na Lagoa dos Porcos, São Lourenço – PI.
Fonte: Felice; Guidon; Mendes, 2014, vol. A-II, p.78.

A relação entre os grupos humanos e a paleofauna na região pode ser observada a partir da associação entre os vestígios arqueológicos encontrados nos sítios e nas pinturas rupestres, com recorrência de animais nos paredões rochosos do local (PESSIS, 2003). O conteúdo cenográfico das imagens aponta para a relevância dos animais da paleofauna como fonte de alimento e/ou risco de ataque às comunidades humanas que viviam no local, cenas de caça coletiva e zoolia são recorrentes na tradição Nordeste de pinturas rupestres, e assim, inferindo um grau de organização social e partilha social dos alimentos, fruto da atividade da caça (GUÉRIN, 1991; GUIDON, 2007).

Outro segmento é a tentativa de associar os vestígios paleontológicos e identificar as possíveis espécies representadas nos grafismos rupestres, como seriema, cervídeos, tatu-gigante, bicho preguiça, entre outros animais que viveram no local (FAURE; GUÉRIN; MOURER-CHAVIRÉ, 2012).

III- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Parque Nacional Serra da Capivara constitui importante patrimônio cultural e natural brasileiro, podendo ser considerado uma fonte de história, memória, educação e conhecimentos arqueológicos e antropológicos. Destarte, é fundamental proteção do Parque Nacional Serra da Capivara para as próximas gerações, uma garantia de acesso aos bens culturais.

IV- REFERÊNCIAS

CHAME, M. Manejo da água e implicação para a conservação do Parque Nacional Serra da Capivara. In: **Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara**. Anne-Marie Pessis, Niède Guidon, Gabriela Martin. São Paulo: A&A Comunicação, 2014, vol.II-A p.254-298.

CHAVES, S.A. de M. História das Caatingas: A reconstituição paleoambiental da região arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara através da palinologia. **Revista da Fundação Museu do Homem Americano**. São Raimundo Nonato, nº 2, 2002, p.105-142.

EMPERAIRE, L. **Végétation et gestion des ressources naturelles dans la caatinga du sud-est du Piauí – Bresil**. Paris: Ed. Recherche sur Civilisations, 1987.

EMPERAIRE, L. Clima. In: FUMDHAM (org). **Plano de Manejo do Parque Nacional Serra da Capivara**. Brasília, FUMDHAM, p.17-34, 1991 a.

EMPERAIRE, L. Vegetação e Flora. In: FUMDHAM (org). **Plano de Manejo do Parque Nacional Serra da Capivara**. Brasília, FUMDHAM, p.61-200, 1991 b.

FELICE, G.D; GUIDON, N.; MENDES, V.R. A evolução da paisagem no Pleistoceno Superior/ Holoceno na região do Parque Nacional Serra da Capivara. **Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara**. Anne-Marie Pessis, Niède Guidon, Gabriela Martin. São Paulo: A&A Comunicação, 2014, vol.A, p. 68- 87.

GUÉRIN, C. Fauna fóssil. In: **Plano de Manejo do Parque Nacional Serra da Capivara**. Brasília, FUMDHAM, 1991, p.228-236.

GUÉRIN, C.; FAURE, M. In: **Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara**. Anne-Marie Pessis, Niède Guidon, Gabriela Martin. São Paulo: A&A Comunicação, 2014, vol.II-A p.140-168.

GUERRA, A.T.; GUERRA, A.J.T. **Novo Dicionário Geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MUTZENBERG, D. CORREIA, A.C. de B. Parque Nacional Serra da Capivara: Geomorfologia e dinâmica da paisagem. In: **Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara**. Anne-Marie Pessis, Niède Guidon, Gabriela Martin. São Paulo: A&A Comunicação, 2014, vol. II-A, p.96-126.

OLIVEIRA, Gabriel Frechiani de. **Similaridades e diferenças no complexo estilístico Serra talhada da tradição nordeste de pinturas rupestres no Parque nacional Serra da Capivara-PI: um estudo de caso**. Tese de Doutorado em Arqueologia. Laranjeiras: Universidade Federal de Sergipe, 2018.

OLMOS, F.; BARBOSA, M.F.R.; ANDRADE, R.M.A. Biodiversidade no Holoceno: a fauna. In: **Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara**. Anne-Marie Pessis, Niède Guidon, Gabriela Martin. São Paulo: A&A Comunicação, 2014, vol. II-A, p.206-53.

PARENTI, F.; GUÉRIN, C.; MENGOLI, D.; FAURE, M.; NATALI, L.; CHAVES, S.A. de M., FERRARI, S.; VALENÇA, L.M. Sondagens na Lagoa do Quari, São Raimundo Nonato, Piauí: Campanha 2002. **FUMDHAMENTOS**, São Raimundo Nonato, nº. 3, p. 129-146, 2003

PELLERIN, J. As bases físicas. **Plano de Manejo do Parque Nacional Serra da Capivara**. Brasília, FUMDHAM, , 1991, p.39-60.

PELLERIN, J. Unidades de relevo e formações superficiais na região do Parque Nacional Serra da Capivara. In: **Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara**. Anne-Marie Pessis, Niède Guidon, Gabriela Martin. São Paulo: A&A Comunicação, 2014, vol. II-A, p.58-67.

PESSIS, A.M.; **Imagens da Pré-história. Parque Nacional Serra da Capivara. Images de la Préhistoire; Images form the prehistory**. São Raimundo: FUMDHAM/PETROBRÁS, 2003.

PETRI, S.; FULFARO, V.J. **Geologia do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1988.

SANTOS, J.C. **O Quaternário do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil: morforestratigrafia, sedimentologia, geocronologia e paleoambientes**. 2007. 171 f. Tese (Doutorado em Geociências). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.